

# O conceito fundamental de mundo na construção de uma ontologia da geografia

Priscila Marchiori Dal Gallo  
Unicamp

Eduardo Marandola Junior  
FCA-Unicamp

p. 551-563

revista

Geo   
USP  
espaço e tempo

Volume 19 • nº 3 (2015)

ISSN 2179-0892

## Como citar este artigo:

DAL GALLO, P.M.; MARANDOLA JR, E. O conceito fundamental de mundo na construção de uma ontologia da geografia. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 19, n. 3, p. 551-563, mês. 2016. ISSN 2179-0892.

Disponível em: URL: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/82961>. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2015.82961>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

# O conceito fundamental de mundo na construção de uma ontologia da geografia

---

## Resumo

A construção de um pensamento geográfico a partir da fenomenologia desdobrou-se no esforço de revisão de seus conceitos fundamentais, sobretudo do ponto de vista da ontologia. Nesse contexto, perguntar pela constituição do conceito de mundo é indispensável para operá-lo a partir de uma experiência geográfica original e instituí-lo como um acontecer originário cujo fundamento é o embate terra-mundo. Para tanto, recorreremos à discussão heideggeriana sobre a origem da obra de arte, a qual estabelece a correspondência entre a verdade (como desvelamento) e a obra de arte para compreender a constituição do mundo como abertura de um horizonte ontológico, como um acontecer espaçante.

**Palavras-chave:** Embate terra-mundo. Heidegger. Fenomenologia. Epistemologia da geografia. Geografia e arte.

---

## The fundamental concept of the world in construction an ontology of Geography

---

### Abstract

The construction of a geographic thought from the phenomenology unfolded in the effort of revision of its fundamental concepts, especially, from the point of view of the ontology. In this context, to ask itself for the constitution of the world concept becomes indispensable to operate it since an original geographic experience and to institute it as an original happen whose foundation is the strife Earth-world. For this we appeal to the Heidegger's discussion on the origin of the work of art, which establishes the correspondence between the truth (as unveiling) and the work of art for the understanding of the constitution of the world as opening of an ontological horizon as an spacing out happen.

**Keywords:** Artwork. Strife Earth-world. Heidegger. Phenomenology. Geography and Art.

---

## Introdução

Este texto se inscreve no esforço contemporâneo de realizar uma ontologia da geografia tendo como eixo estruturante o pensamento fenomenológico, sobretudo, do filósofo alemão Martin Heidegger, o qual tem sido um dos principais fundamentos comuns entre as discussões realizadas na filosofia, envolvendo a filosofia do espaço (Casey, 1993, 1998, 2001; Malpas, 1999, 2008; Saramago, 2008a) e as novas proposições na geografia, desde a contribuição seminal de Dardel (1952), resgatada para a construção da abordagem humanista fenomenológica na geografia e o seu adensamento na última década (Relph, 1985; Holzer, 2010; Marandola Jr., 2012a, 2012b, 2013, 2015).

As abordagens fenomenológicas em geografia, herdeiras do movimento da Geografia Humanista, têm buscado construir um escopo teórico-metodológico embasada na empreitada fenomenológica de elucidar as ligações e vinculações essenciais entre o mundo e a ciência na revisão da própria concepção da ciência geográfica e os conceitos fundamentais da geografia em direção a uma ontologia que se refira à essência da geografia (Pickles, 1985; Holzer, 1993). Como não há apenas uma abordagem fenomenológica, é importante compreender que significa partir do pensamento heideggeriano na construção de uma abordagem fenomenológica em geografia.

Em primeiro lugar, implica compreender o sentido da busca heideggeriana de superação da metafísica ocidental promotora do ocultamento do ser. Isso significa que, para o filósofo, conforme desenvolveu amplamente em sua grande obra *Ser e tempo* e em reflexões posteriores (Heidegger, 2001; 2008; 2012a), a metafísica, a técnica, a linguagem e a ciência modernas contribuíram para que a verdade, entendida como o sentido do ser, não pudesse ser enunciada. Sem nem mesmo podermos enunciar a pergunta pelo ser, estaríamos vivendo em um mundo representacional, inautêntico. Essa é a maneira heideggeriana de compreender, ontologicamente, o afastamento do mundo-da-vida husserliano e a exortação “às coisas mesmas”, máxima da atitude fenomenológica (Husserl, 2012).

Mas de que mundo Heidegger está falando? Não se trata do mundo como somatória de entes, como mera presença física que pode ser mapeada em um plano geométrico. A fenomenologia heideggeriana, pelo seu caráter hermenêutico-existencial, coloca a discussão do mundo em termos ontológicos, buscando compreender a estrutura do mundo (1) de modo ontológico-categorial, ou seja, pelo ser da totalidade do mundo; e (2) pelo modo ontológico-existencial, que se refere à mundanidade do mundo, pela qual qualquer mundo é mundo (Franck, 1997).

Assim, a partir de uma abordagem heideggeriana na geografia, o mundo recebe um sentido preponderante, não mais como algo a ser apenas descrito categorialmente como conjunto de entes circundantes, mas em seu modo mais fundamental de existir. Como afirma Relph (1985), a geografia tem uma afinidade fundamental ou vital com a concepção de mundo, visto que o conhecimento geográfico não se trata da adequação a um objeto, mas da compreensão do mundo desde a compreensão do ser-no-mundo. O mundo é, ao mesmo tempo, a origem de todo conhecimento e um conceito fundamental que opera a construção teórica da geografia de modo ontológico.

Se a pergunta pelo mundo ganha um caráter ontológico-existencial, temos que perguntar pela mundanidade do mundo. Isso implica esclarecer dentro da própria ciência geográfica a gênese ontológica do conhecimento geográfico. Como Pickles (1985) afirma, é importante

para todas as ciências esclarecerem, cuidadosamente, a sua compreensão de mundo, sabendo de suas vinculações fundamentais com ele. Para a abordagem fenomenológica, o mundo é entendido a partir de uma relação mais primordial e original, anterior à cognição e à teorização.

A geografia, como ciência moderna, foi constituída sob as mesmas bases que promoveram o ocultamento do ser e a compreensão do mundo por uma perspectiva ôntica. Já no pensamento heideggeriano, o mundo é trazido à tona como um conceito fundamental para compreensão e desocultamento do ser. Abordamos aqui, em específico, o tratamento do mundo na fase tardia do pensamento do filósofo, pois traz uma discussão frutífera para elucidar a base ontológica do conhecimento geográfico ao pensar o mundo a partir da terra e no contexto da obra de arte. Ambas as discussões são caras à geografia, seja pelo sentido propriamente terrestre da existência geográfica, seja pelos laços que a geografia guarda com a arte, especialmente a literatura, desde a antiguidade, ou pelo interesse específico nas últimas décadas de aproximar geografia e arte, de lado a lado.

A discussão em questão é desenvolvida no tratado *A origem da obra de arte*, publicado em 1956, fruto de conferências proferidas em 1935 e 1936 (Heidegger, 2012b). Nesse ensaio, o filósofo (1) busca compreender o mundo de modo essencial e original a partir da obra de arte e (2) traçar o fundamento para tal compreensão desde o embate terra-mundo. As duas discussões embasam a concepção dardeliana da geografia, embora não sejam explicitamente desenvolvidas em seu trabalho; *A origem de obra de arte* aparece como uma das poucas citações diretas de Heidegger feita pelo geógrafo.

Éric Dardel foi um dos geógrafos a repercutir o pensamento crítico heideggeriano na geografia, propondo, em seu livro *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*, caminhos para uma outra ontologia para a geografia (Dardel, 2011). A geografia, para Dardel (2011), é vivida em ato e por isso ele nomeou a essência que se refere à região ontológica da geografia: geograficidade. Esta, podemos entender, é o modo próprio de ser geográfico (Marandola Jr., 2012a), concebendo a geografia ontologicamente. Assim, quando buscamos pensar o mundo de forma mais fundamental e o fazemos em relação à origem da obra de arte, trazemos um elemento de importância equivalente para a discussão que é a terra. De modo que falar sobre o mundo envolve falar sobre sua relação com a terra.

Segundo Heidegger (2012b), a arte traz a possibilidade de pensar o mundo alcançando sua constituição antepredicativa tendo em vista não como ele se define teoricamente ou cognitivamente, mas sim como ele se manifesta pela expressão dos fenômenos ou pelo desvelamento do ser, entendido como aquilo que a obra de arte coloca em obra. O desvelar é o acontecer da verdade, o trazer à luz da compreensão. As perguntas “que é verdade?” e “que é obra de arte?” concedem um significado especial para a problemática sobre o erigir do mundo para Heidegger. Tais perguntas precisam ser exploradas para entendermos a natureza da relação entre a obra de arte, a verdade e a fundação do mundo, tomadas aqui como fundamentos de uma ontologia da própria geografia.

Essa discussão gera uma ponderação particular para Lúcia Saramago (2006; 2008b) e Ute Guzzoni (2002, 2008) sobre problemática do espaço e a sua relação com o mundo, ou melhor, com o advento do mundo que se mostram com grande potencialidade para uma discussão já iniciada na geografia sobre o espaço geométrico e o espaço geográfico. Para Dardel (2011),

o primeiro seria objeto da geografia como ciência moderna, racionalista e abstrata, afastado da geografia em seu caráter ontológico, ou seja, como dimensão da existência que só pode ser concebida no espaço cuja natureza é geográfica.

Assim nos propomos compreender o mundo como conceito fundamental da geografia, ao explorá-lo de modo essencial e originário à luz da arte ou da origem da obra de arte, a fim de reconhecer o projeto ontológico que fundamenta a ciência geográfica ao avançar nos esforços de levar às últimas consequências a adoção da fenomenologia (tendo Heidegger como principal via). Nesse caminho, novas aberturas surgem, como a problemática do espaço, e apontam a necessidade de ponderações nesse sentido de modo a traçar as correspondências entre mundo e espaço geográfico, buscando a compreensão da dimensão espacial intrínseca ao ser-no-mundo. Embora isso não seja algo que esteja ou será resolvido no presente texto, é um dos desdobramentos necessários para os quais ele aponta.

### **O conceito fundamental de mundo: uma elucidação conceitual**

A ideia de mundo esteve por muito tempo esquecida na geografia. Segundo Holzer (2012), o resgate mais amplo se deu pelas ideias de mundialização e globalização. No entanto, tais discussões, segundo o autor, se dão a partir da teorização da chamada supressão do tempo e do espaço e uma conseqüente desmundanização do mundo. Nesse sentido, a concepção de mundo permaneceu distante de seu sentido mais original, sendo em grande medida, banalizado em seu sentido coloquial, tendo correspondência com as ideias de globo terrestre ou planeta.

Seu papel é completamente diferente para a fenomenologia, ocupando centralidade a partir de um dos conceitos fundamentais de Husserl (2012), *lebenswelt*, mundo-da-vida, amplamente utilizado pelos geógrafos humanistas nos anos 1970 (Buttimer, 1976; Entrikin, 1976). Para Holzer (2012), o conceito de mundo, pensado a partir da fenomenologia, nos permite pensar em uma constituição ontológica da ciência geográfica. Essa busca se orienta pela necessidade por buscar ir além do enquadramento da geografia como ciência moderna, em direção a sua essência que, segundo Dardel (2011), é a geograficidade: modo de ser geográfico, implicando tanto a existência quanto a experiência. *A elucidação do conceito de mundo deve ser fundamentada por aquilo que Heidegger se dedicou longamente: o reconhecimento de uma experiência mais fundamental que a científica, isto é, a experiência original de constituição do mundo que poderia ser lida como a proposição dardeliana da geograficidade.*

Essa busca se torna cerne da preocupação de uma geografia de base fenomenológica, porque ela apresenta um encaminhamento possível para o pensar uma ontologia da geografia. De que modo? Se perguntando pela própria estrutura constitutiva do mundo ou sua mundanidade, que é, sempre, a abertura de um horizonte compreensivo a partir da terra. Como bem coloca Dardel (2011), a terra é irrevogável e inestimável da geografia e embora o mundo seja uma das preocupações dos geógrafos humanistas a terra nunca é esquecida, afinal, “Vir ao mundo é se destacar da terra, mas sem romper, jamais, inteiramente, com o cordão umbilical pelo qual a terra nutre o homem” (Dardel, 2011, p. 48).

Ainda que haja a mediação da técnica, que altere nossa relação ôntica com o mundo, isto é, com aquilo que nos cerca, a relação ontológica fundante do mundo não se perde: a experiência geográfica se refere a uma experiência original ontológica-existencial de “existir junto a” (Marandola Jr., 2012b).

A arte será discutida como o elemento central de articulação de nossa busca, pois na perspectiva heideggeriana, a pergunta pela origem da obra de arte se dá pelo esclarecimento do embate terra-mundo e, conseqüentemente, da elucidação do acontecer da abertura do mundo a partir desse processo originário de desvelamento da terra. A arte oferece próprio acontecer constituinte do mundo.

## **O mundo na concepção heideggeriana de verdade em *A origem da obra de arte***

Em primeiro lugar, é importante enfatizar que a discussão heideggeriana sobre arte é especialmente importante para nossa discussão porque desenvolve uma abordagem ontológica e não estética. Isso significa que a arte não busca representar ou reproduzir a fim de causar algum estado sensível no espectador e sim *expressar os fenômenos desvelando-os*. Tal perspectiva se desdobra na preocupação com a intrincada relação entre a terra e o mundo e o papel do homem no acontecer dessa relação.

Assim, em *A origem da obra de arte*, Heidegger (2012b) desconstrói aquilo que era concebido como verdade em função de sua própria preocupação com esse termo para a construção de seu projeto ontológico. Pela via de uma exploração fenomenológica, o filósofo desconstrói toda a trama estético-metafísica que envolve a concepção artística e retece “que é arte?” e “que é verdade?”, de modo que toda a discussão sobre a arte em Heidegger se move no caminho da pergunta: onde reside a essência da verdade?

Que é, então, verdade para Heidegger? De partida, ele questiona a verdade como certeza e como uma adequação defendida pela metafísica. Tal concepção foi berço das proposições teóricas das ciências modernas, que buscavam, sobretudo nas experimentações pelas certezas e universalidades, uma verdade absoluta e imutável no plano platônico das ideias. Contrapondo-se a essa postura suprassensível, Heidegger propõe revisitar o termo grego *aletheia* para recolocar a verdade a partir de uma compreensão que rompa com a ideia da representação. Para o filósofo, não se pode afirmar que algo é verdade antes que se pergunte pela essência da verdade e como vigora tal essência (Heidegger, 2001). O pensamento metafísico (preponderante no Ocidente) entende a verdade como concordância com o ente, colocando em esquecimento seu ser. Na contramão dessa ideia, o filósofo propõe que a verdade remete a um desvelamento, ao desocultamento do ser. Para Heidegger, perdemos a noção de *aletheia*, esquecendo, assim, aquilo que o ente é em verdade, afastando-nos do ser.

As reflexões promovem uma virada no entendimento da concepção de verdade, ou melhor, de como vigora a verdade em sua essência. Como coloca Pöggeler (2001), a estrutura de compreensão e construção da verdade não se restringe a concepção de mundo, como horizonte de compreensão; esse horizonte ganha um novo elemento de fundação: a concepção de mundo se amplia e se complementa para o conjunto terra-mundo.

Ou seja, a *estrutura em que vigora a essência da verdade é formada pelo conjunto terra-mundo*, sendo o desvelamento o embate entre terra e mundo. Heidegger (2012b, p. 65-67) afirma que o mundo se funda na terra como a abertura de um horizonte de compreensão, e a terra permanece como terra, como aquilo que alberga e recolhe o mundo. O embate terra-mundo é aquele em que a verdade acontece como um conflito primordial entre a abertura e o ocultamento. O mundo deixa de ser uma estrutura de significações, o mundo é o retirar-se-para-si do ser ou

o colocar-se em manifesto. Como coloca Hespanhol (2004, p. 51) “a terra tem de ser compreendida como ‘mundo’, ou melhor, no e pelo mundo. No, pois situa-se no lugar aberto, propriamente constituindo-o, e pelo, pois só por tal conquista de lugar é que a terra advém”.

É nesses termos que a discussão heideggeriana sobre arte permite elucidar a constituição do mundo a partir de uma experiência fundamental, que é o próprio acontecer do embate terra-mundo; tal embate envolve o encontro original entre homem-terra, visto que, ao existir, o homem está junto a ou demora-se junto às coisas, compreendendo desde esse primeiro encontro o seu ser. Assim, quando se coloca diante da terra, o homem ao mesmo tempo erige o mundo, que permanece sob o acolhimento da terra. De modo que a pergunta pela essência da verdade coloca às claras aquilo que se denominou geograficidade quando propomos compreendê-la fundamentando-a no embate terra-mundo. A discussão sobre a arte e a verdade permite abordar a geograficidade desde a sua fundação. As ponderações em torno da origem da obra de arte, como propõe Heidegger, permitem pensar a fundação da geograficidade a partir da verdade como desvelamento, o qual se dá no pôr-se em obra da obra de arte.

Heidegger defende que a essência da obra de arte é o embate terra-mundo. A partir daí, passa a se perguntar pela obra e pela arte desde o embate. A obra é a contenda do embate, o mundo da obra desponta do embate entre ocultação e desvelamento no âmago da terra. A obra de arte levanta um mundo; ao colocar em obra a verdade, ela mantém em aberto o aberto do mundo. Ao colocar em obra a verdade, a obra tem um sentido fundador. Como afirma Pereira (1998), a obra de arte institui o mundo ao (1) oferecer ou doar livremente a abertura do aberto do mundo, (2) erigir sobre um fundamento e fundar o mundo desde a terra e (3) iniciar a abertura do mundo.

Heidegger chama atenção para o caráter instaurador do mundo das obras de arte com dois exemplos: o quadro de Van Gogh “Os sapatos da camponesa” e o templo grego.

○ quadro proporciona um espaço para a abertura do mundo do camponês:

Da abertura escura do interior deformado do calçado, a fadiga dos passos do trabalho olha-nos fixamente. No peso sólido, maciço, dos sapatos está retida a dureza da marcha lenta pelos sulcos que longamente se estendem sempre iguais, pelo campo, sobre o qual perdura um vento agreste. No couro, esta [a marca] da humanidade e da saturação do solo. Sob a sola, insinua-se a solidão do carreiro pelo cair da tarde. O grito mudo da terra vibra nos sapatos, o seu presentear silencioso do trigo que amadurece e seu recusar-se inexplicado no pousio desolado do campo de Inverno [...]. Este utensílio está abrigado na *terra* e pertence ao *mundo* da camponesa. (Heidegger, 2012b, p. 28-29, grifos do original).

○ quadro de Van Gogh se torna um espaço de manifestação e do aparecer. Como afirma Escoubas (2005), no espaço do quadro o fenômeno do mundo se dá em seu sentido grego *phainesthai*, isto é, parecer-aparecer, de modo que ele se expõe em sua essência. O quadro quando expõe o mundo permite que a invisibilidade do visível apareça, que a terra seja trazida como o abrigo oculto que é. O retirar-se-para-si do mundo ou o acontecimento de seu aparecer desde a terra, o mundo em seu estado nascente é aquilo que tem lugar no espaço pictural do quadro.

Por sua vez, o templo grego não remete a nada, ele se apresenta, repousado em si mesmo, como origem, é a obra que em obra guarda a abertura do mundo em presença do sagrado, guardando o desvelar do ente (Saramago, 2006). O templo é terra, no caráter maciço e pesado

da pedra, e também é mundo: ele levanta um mundo ao consagrar e glorificar a ligação entre humano (mortal) e o divino (sagrado da terra). O templo doa a abertura do mundo e ao mesmo tempo repõe-na sobre a terra, ele assim torna o espaço sagrado visível ou ele instala um espaço sagrado, uma circunstância em que homem e sagrado encontram sua morada:

Ali de pé, a obra arquitetônica [templo] repousa sobre o solo rochoso. Este assentar da obra extrai da rocha a obscuridade do seu suportar rude e, no entanto, a nada impelido. [...] O erguer-se seguro torna visível o espaço invisível do ar. O caráter imperturbado da obra destaca-se ante a ondulação da maré e deixa aparecer, a partir do repouso o furor dela. (Heidegger, 2012b, p. 39).

Em *A origem da obra de arte* a obra de arte ao pôr-se em obra possibilita, em si mesma, uma nova dimensão da experiência humana, ela concede no acontecer da verdade o desvelamento da terra pelo irromper de um mundo, no embate entre terra e mundo. Esse acontecer da verdade para Saramago (2006) e Guzzoni (2002, 2008) tem uma dimensão espacial, que é colocada em primeiro plano na medida em que a obra de arte instala um *espaço essencial*, originando um espaço próprio para a manifestação daquilo que permanecia oculto.

Guzzoni e Saramago buscam explorar em sua leitura do pensamento heideggeriano sobre a arte aquilo que ele identifica como uma particularidade sobre as reflexões a respeito da concepção de mundo. O pensamento heideggeriano radicaliza as considerações sobre o mundo trazendo uma discussão ontológica sobre o espaço. Isto é, que é o espaço?

## O acontecer do mundo e sua constituição espacial

Saramago (2006) realiza uma leitura da origem da obra de arte de Heidegger e aponta que o erigir o mundo pode ser entendido como um espaciar, o enigma “que é arte?” está ligado com aquilo que é próprio do espaço: espaciar. A obra de arte dispõe esse acontecimento espaçante, o emergir do mundo, porque coloca o embate terra-mundo como um acontecimento espaçante. Saramago (2008b) afirma que a discussão sobre a arte levou Heidegger a fazer ponderações sobre o espaço, mas sempre considerando-o um acontecimento ligado à abertura do mundo.

A mundanidade do mundo residiria na liberdade, na doação de uma abertura onde o ser pode tornar-se livre, pode apresentar-se. A liberdade para Heidegger é a própria essência da verdade, o acontecer da verdade que origina o mundo é liberdade. Mas a liberdade se dá em meio ao aberto da abertura e na leitura de Saramago (2008b) essa abertura será compreendida como o acontecimento espaçante.

Assim, juntamente com as questões “que é obra de arte?” e “que é verdade?”, a discussão em *A origem da obra de arte* encaminha uma terceira questão “que é o espaço?”, que estaria ligada às considerações sobre a estrutura em que vigora a verdade, o conjunto terra-mundo, a fissura ou abertura do mundo desde a terra, que se dá livremente. Esse livremente pode ser lido como espacialmente, de modo que o espaço se apresentaria no momento de constituição do mundo, “O espaço é dado da mundanidade do mundo” (Guzzoni, 2008, p. 49).

Seguindo o pensamento de Guzzoni (2008), no-mundo (na expressão ser-no-mundo) significaria manter-se na abertura do aberto e isso pode ainda ser lido como a dimensão espacial inata do mundo, a abertura do aberto é uma região de encontro e reunião no qual as coisas

encontram recolhimento em proximidade. As coisas se mostram como ser-no-mundo, isto é, permanecem no-mundo em uma relação de proximidade que é uma relação espacial (é a estrutura ontológica-existencial do mundo). Essa relação se traduz em uma interdependência entre espacialidade, mundo e ser-no-mundo não havendo predicções entre eles, pelo contrário, todos se reúnem na proximidade que se realiza a partir de uma cotidianidade que os envolve em uma circunstancialidade (Marandola Jr., 2012b).

Ser-no-mundo é um modo exclusivo de estar em relação com aquilo que nos cerca, esse modo exclusivo é o ex-sistir que Heidegger (2005) propõe, do projetar-se em reunião. Essa forma de ser realiza-se pelo entrelaçamento da abertura do mundo (pelo desvelamento do ser, a partir da pergunta pelo ser ou pela verdade) e o surgimento de sua espacialidade. Por isso pensar desde o ser-no-mundo é tão importante à geografia, nos termos de Dardel (2011), essa espacialidade pode ser lida como o espaço geográfico cuja constituição está, necessariamente, atrelada ao advento ontológico de abertura do mundo, que é, radicalmente, aquilo que o geógrafo chama de geografia em ato. O advento da constituição do mundo (sem esquecermos da terra) é, nesse sentido, a própria possibilidade, ou melhor, é o fundamento da geograficidade.

A pergunta “que é o espaço?” de Heidegger passa precisamente pela compreensão do espaço como algo que recebe, abarca e guarda. Assim “que seria o espaço de maneira que ele pode receber, abarcar e guardar?”. O espaço espaça. Ele espaça como um desbravar que ilumina e liberta e, ao mesmo tempo, coloca o ser em repouso, isto é, ele repousa em seu próprio ser: “Na medida em que o espaço espaça, libera um âmbito livre, ele concede, apenas com esse âmbito livre, a possibilidade de regiões de encontro [*gegenen*], de pertos e longes, de direções e limites, e possibilidades de distância e grandeza” (Heidegger, 2008, p. 19).

Essa possibilidade de reunião, do estar aqui e estar lá, de estar no aberto e do ser no aberto é o próprio princípio do ser e estar no mundo. A proximidade é, assim, algo essencial da mundanidade do mundo, não no sentido de direções e distâncias, pelo contrário, o mundo se mundifica pelo estar em proximidade e pelo permanecer em proximidade, mas isso em um estado primordial e original. Isto é, *em proximidade do ser nele mesmo*, não em suas possíveis e passíveis significações; a representação da coisa e não ela mesma. No limite, é estar em proximidade com a doação espontânea da terra, nunca a perdendo de vista como aquilo que alberga em ocultamento o mundo.

Em tempos modernos em que as mediações e a técnica prevalecem e o esquecimento do ser é o *modus operandi*. A condição de ser-no-mundo, fundante de nossa maneira de existir estaria na história da metafísica ocidental, mediada, comprometendo nossa capacidade de deixar o ser se revelar. A arte se torna uma necessidade para alcançar a verdade em sua essência. A obra de arte doa um espaço essencial de origem e fundação para que se possa realizar o movimento essencial do mundo: trazer à proximidade. A menção de que a obra de arte abre o mundo e doa um espaço para sua fundação traz o espaço como um acontecimento “mundificante”, o que significa que para seu acontecer é preciso um instalar que depende essencialmente de o ser sempre estar na verdade e, portanto, estar sempre lançado no mundo. O mundo volta a ser compreendido em sua essência, o mundificante do mundo é trazido de forma autêntica e cuidadosa como instância ontológica na obra de arte.

Os dois pontos levantados por Guzzoni (2008), que particularizam o pensamento sobre o mundo de Heidegger, quais sejam, o espaço como dado da mundanidade do mundo e a concepção da estrutura em que vigora a verdade (conjunto terra-mundo) permitem adensar a concepção de mundo, quando esse é recolocado em seu lugar, isto é, o mundo tem a sua dimensão espacial dada em termos de uma abertura ao ser, que refuta a ideia de um espaço geométrico e deixa de ser desterrado, apartado da terra como um conjunto de significações apenas (visão de mundo), tendo reconhecido como sua fundamentação a própria terra.

A instituição do mundo está correlacionada àquilo que os geógrafos delinearam como espaço existencial (Relph, 1976; Entrikin, 1976) ou mesmo, como dissemos, com o próprio espaço geográfico proposto por Dardel (2011), tendo densidade, cor, modelagem, profundidade, solidez e volubilidade, inexistentes na concepção geométrica. Antes, o espaço geográfico é talhado na matéria e rico em substância, ele se abre desde o embate terra-mundo, ou esse espaço cumpre sua essência e resguarda o acontecimento de tal embate (ao mesmo tempo em que se cria a partir dele).

Assim, “que é o espaço?”, é aquilo que espaça liberando a terra em um horizonte de compreensão que é o mundo. O espaço espaça geograficamente. A ontologia do espaço, para os geógrafos, envolve pensar as diversas facetas de sua materialidade, pois esse espaço é onde o conjunto terra-mundo se expõe, de modo que há, como aponta Dardel (2011), o telúrico, o aquático, o aéreo e o construído (humano). Essa é uma visão fenomenológica que dá a espessura do espaço geográfico quando o percebe como único em função da experiência que ele envolve: a cumplicidade entre o telúrico, o aquático, o aéreo e o humano em um comum pertencimento que institui o mundo.

Como Heidegger (1987) coloca, o espaçar do espaço é um duplo movimento de permitir e dispor. Dar espaço concede algo: deixar em vigor aquilo que se abriu, deixar em vigor o desvelamento fazendo com que as coisas presentes apareçam em seu próprio ser. O espaçar permite o acontecer da verdade, o embate terra-mundo, ou melhor, ele é um acontecimento que guarda e cuida esse embate. O espaçar do espaço é dado da mundanidade do mundo precisamente porque ele resguarda aquilo que é essencial do mundo: a reunião das coisas em um estado de repouso e proximidade, o mutuo pertencer. O próprio do espaçar para Heidegger (1987) será, portanto, a possibilidade da fundação ou da instituição e o espaço aberto pelas artes é aquele que melhor expressa essa propriedade.

A preponderância epistemológica que o mundo adquire na abordagem humanista exige pensar as fundações do mundo, pensar a sua mundanidade e tudo aquilo que está envolvido em sua compreensão. Alcançar o caráter ou realizar efetivamente uma discussão com base no caráter ôntico-ontológico do mundo na geografia envolve pensar na intimidade do copertencimento entre terra e mundo, alcançado pelas considerações sobre a estrutura em que vigora a verdade à luz da obra de arte e pensar na irrefutável dimensão espacial que essa intimidade envolve.

Se, como afirma Pickles (1985), é preciso buscar uma compreensão existencial e ontológica do espaço na geografia como pré-condição da realização de uma ontologia da geografia, é preciso tomar os cuidados para elucidar as bases e os fundamentos dessa compreensão. E experimentar geograficamente a correspondência entre o mundo e o espaço é um dos passos para concebê-la como fundamento da revisão epistemológica da abordagem humanista e uma compreensão mais detida dos conceitos fundamentais da geografia.

As discussões, sobretudo, do embate terra-mundo de Heidegger permite traçar os nexos ou aproximações entre as concepções ontológicas do espaço e da geograficidade tendo a própria constituição do mundo como a estrutura de aproximação. A constituição do mundo pelo embate terra-mundo, como desvelar do ser, se dá como uma constituição ontológica da geograficidade, como apontamos; esse constituir-se do mundo, contudo, envolve uma dimensão espacial e as ponderações sobre ela são indispensáveis para compreender o espaço como uma dimensão da existência humana, mas como espaço geográfico e nunca abstrato, e que falar do espaço também é referir-se a um acontecer: um acontecer espaçante. Assim, pensar a constituição do mundo traz aproximações entre o pensar de uma ontologia da espacialidade humana e a ontologia da geograficidade, porque em verdade não existem ontologias, existe a ontologia, nesse caso, elas são a ontologia da geografia.

### **O conceito de mundo no pensar ontológico da geografia**

A discussão do conceito fundamental de mundo se insere no esforço mais amplo de constituição de uma outra epistemologia e ontologia da geografia, a partir da fenomenologia, em geral, e de Heidegger, em particular, já está em andamento, mesmo que a passos lentos, há algumas décadas. O momento atual é de um novo fôlego de mergulho no pensamento dos diferentes filósofos e nas repercussões para a prática e o pensamento geográfico (Marandola Jr., 2013), buscando não uma geografia filosófica, mas uma geografia experiencial e existencial que nos permita uma reaproximação com o mundo tácito ou, nos termos heideggerianos, a verdade do ser.

Tanto a busca na filosofia fenomenológica quanto na arte são potenciais para refazermos a pergunta “Que é geografia?” e “Que é o geográfico?” a partir de novos parâmetros, repensando o projeto moderno da disciplina. Como Pickles (1985) aponta, o primeiro passo para se pensar a geografia é antes de tudo pensar a sua relação com a ciência, compreendendo a importância de não fugir da própria possibilidade de pensar dada, sobretudo, pela fenomenologia. Este pensar, segundo Heidegger (2001, 2009), não é a ação da filosofia nem da ciência, unidas em seu deslumbre pela metafísica e o ocultamento do ser. O pensar, no entanto, refere-se à pergunta ontológica sobre o ser direcionado àquilo que é essencial. No caso da geografia, a pergunta se direciona para a geograficidade, fundada no embate terra-mundo que pode ser revelado ou trazido à luz, por exemplo, pela obra de arte.

Partindo da arte, vislumbramos um pensar ontológico sobre o mundo que resgata a sua mundanidade, isto é, sua essência, trazer à reunião o ser em repouso à proximidade como uma abertura: uma fissura que doa a liberdade do aberto para que o ser possa ser. Essa leitura caminha por e para uma postura crítica sobre o esquecimento da mundanidade em função da técnica e do objetivismo científico. O mundo nessa perspectiva não só tem a sua estrutura como horizonte de compreensão desvelada reconhecida, como também tem aquilo que lhe é elemental e fundante trazido à luz: sua copertença e copresença com a terra.

Tal desvelar do conceito fundamental de mundo coloca as discussões da geografia em novos parâmetros, bem como, permite a abertura para novas discussões, como uma revisão da concepção do espaço geográfico, algo que a abordagem humanista tem buscado com a cons-

trução epistemológica de base fenomenológica. A dimensão espacial intrínseca à existência do ser-no-mundo é algo que ainda é preciso se deter, embora já haja avanços nesse sentido (Malpas, 1999, 2008; Saramago, 2008), para realizar um movimento crítico do sentido de espaço e sua relação com o ser-no-mundo.

## Referências

- BUTTIMER, A. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66, n. 2, p. 277-292, 1976.
- CASEY, E. S. Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**, v. 91, n. 4, p. 682-693, 2001.
- \_\_\_\_\_. **The Fate of Place: a Philosophical History**. Berkeley: University of California Press, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Getting back into place: toward a renewed understanding of the place-world** (Studies in continental thought). Indiana: Indiana University Press, 1993.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- \_\_\_\_\_. **L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique**. Paris: PUF, 1952.
- ENTRIKIN, J. N. Contemporary humanism in geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66, n. 4, p. 615-632, 1976.
- ESCOUBAS, E. Investigações fenomenológicas sobre a pintura. **Kriterion**, n. 112, p. 163-173, 2005.
- FRANCK, D. **Heidegger e o problema do espaço**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- GUZZONI, U. A relação entre o espaço e a arte no Heidegger tardio. **Artefilosofia**, n.5, p. 48-60, 2008.
- \_\_\_\_\_. Heidegger: Art and Space. **Natureza Humana**, v. 4, n. 1, p. 59-110, 2002.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.
- \_\_\_\_\_. A origem da obra de arte. In: \_\_\_\_\_. **Caminhos de floresta**. Trad. Irene Borges-Duarte. Santa Maria da Feira: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012b. p. 5-94.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à filosofia**. Trad. Marco Antonio Cassanova. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. Observações sobre arte – escultura – espaço. **Artefilosofia**, n. 5, p. 15-22, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Carta sobre o humanismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

- \_\_\_\_\_. A superação da metafísica. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio e conferências**. Petrópolis, RJ: Vozes/Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2001. p. 61-86.
- \_\_\_\_\_. A arte e o espaço. **Arte e Palavra – Espaço Poético**, v. 2, p. 91-96, 1987.
- HESPANHOL, J. C. P. **Terra, mundo e poesia: a conformidade em Heidegger**. Dissertação (Mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2004.
- HOLZER, W. Mundo e lugar: ensaio de Geografia. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, filosofia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.
- \_\_\_\_\_. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, p. 241-251, 2010.
- \_\_\_\_\_. A geografia humanista anglo-saxônica – de suas origens aos anos 1990. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 55, n. 1/4, p. 109-146, 1993.
- HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- MALPAS, J. Heidegger, Geography, and Politics. **Journal of the Philosophy of History**, v. 2, n. 2, p. 185-213, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Place and Experience**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- MARANDOLA JR., E. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em *Place and placelessness*, de Edward Relph. **Geografia**, Rio Claro, 2015 [aceito para publicação].
- \_\_\_\_\_. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, p. 49-64, 2013.
- \_\_\_\_\_. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, Rio Claro, v. 37, p. 81-94, 2012a.
- \_\_\_\_\_. O lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, filosofia. São Paulo: Perspectiva, 2012b. p. 227-248.
- PEREIRA, M. B. A essência da obra de arte no pensamento de M. Heidegger e de R. Guardini. **Revista Filosófica de Coimbra**, n. 13, p. 3-54, 1998.
- PICKLES, J. **Phenomenology, Science and Geography: spatiality and the human sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- PÖGGELER, O. **A via do pensamento de Martin Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- RELPH, E. Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Ed.). **Dwelling, place & environment: towards a phenomenology of person and world**. New York: Columbia University Press, 1985. p. 15-31.

\_\_\_\_\_. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

SARAMAGO, L. **Topologia do ser**: espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/São Paulo: Loyola, 2008a.

\_\_\_\_\_. Sobre a arte e o espaço, de Martin Heidegger. **Artefilosofia**, n. 5, p. 61-72, 2008b.

\_\_\_\_\_. Espaço e obra de arte nos pensamentos de Heidegger e Gadamer. **Artefilosofia**, n. 1, p. 76-93, 2006.